

O primeiro e o segundo FHC 18

Os institutos de pesquisa garantem que as eleições presidenciais deste domingo serão um videoteipe de 1994, com a vitória em primeiro turno de Fernando Henrique Cardoso sobre Luiz Inácio Lula da Silva e uma penca de coadjuvantes. Nomes e números podem até se repetir, mas nem o presidente nem seu governo nem o País serão os mesmos depois das eleições, agora que a crise financeira internacional torna inevitável um ajuste sempre adiado. Aparentemente, só não mudou o eleitor, que continua obcecado pela estabilidade e, também de acordo com as pesquisas, vota em Fernando Henrique na esperança de que ele defenda a conquista de quatro anos atrás.

Em 1994, o Brasil que elegeu Fernando Henrique já tinha um pé no paraíso da estabilidade monetária e até dispensava promessas de palanque. Podia sonhar sem estímulo de discursos, quando um dólar era comprado com 82 centavos de real e a seleção brasileira era tetracampeã na disputa de penaltis – e daí?

O governo dava-se ao luxo de ter, no Ministério da Fazenda, um jovem político que chamava de otários os cidadãos que pagavam ágio para comprar carro. Chamava-se Ciro Gomes e era popularíssimo, assim como o presidente, Itamar Franco, que no carnaval daquele ano descera ao fundo do poço num camarote da Sapucaí para ressurgir, seis meses depois, na raríssima condição de ter feito o sucessor.

Nas eleições de hoje, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Gustavo Franco, condutores do Plano Real, não podem sequer votar pela reeleição de Fernando Henrique, porque estão em Washington, negociando com o Fundo Monetário Internacional um acordo para enfrentar a crise, a um custo ainda não totalmente acertado, mas certamente alto.

A mão de Fernando Henrique, antes espalmada para exibir cinco metas de governo, agora “tem

comichão” por ajuda externa (palavras de FH) e estende-se para os governadores e ministros, cobrando cortes de despesas, antes de cobrar mais impostos da sociedade.

Ciro Gomes fez curso de economia em Harvard e agora acha que otário era aquele ministro da Fazenda que manteve o dólar muito abaixo do real. Itamar Franco pode ser eleito governador de Minas (será, lamentam os gurus do tucanato), e tornar-se mais um ex-presidente com mandato para servir de contraponto ao morador do Alvorada. O outro é José Sarney, senador pelo pequeno Amapá, mas dono de tentáculos gigantesco. Ciro já está na oposição, Itamar estará e Sarney será sempre Sarney, aos olhos desconfiados do Planalto.

Em 1994, o candidato Fernando Henrique prometia emprego,

segurança, saúde, educação e fartura no campo. O eleitor não votou nas promessas, votou no real, que já estava no bolso. Agora, o presidente Fernando Henrique precisa prometer: “Comigo não tem pacote, comigo não tem inflação.” O eleitor, de acordo com pesquisas em poder do comitê da reeleição, acha a maior lorota a história de que não haverá pacotes, mas espera, sinceramente, que eles venham para garantir a estabilidade.

O Fernando

Henrique de 1994 tinha tanta força que deu um passeio pelo Congresso, aprovou as reformas que quis e conseguiu o direito à reeleição de hoje. Seu poder vinha do voto popular, mas também da estabilidade monetária. Hoje, ele persegue votação pelo menos igual à de quatro anos atrás, se possível um pouco mais, para enfrentar partidos mais organizados e governadores recém-saídos de um banho de urna. O País ainda tem um pé no paraíso, mas já é possível divisar as chamas do inferno. Dessa vez, a força de Fernando Henrique virá do medo da crise, não da vitória sobre a inflação. Essa é a diferença fundamental entre o primeiro e o segundo mandatos de FHC.



■ Ricardo Amaral é jornalista

O eleitor continua o mesmo: duvida que não haja pacotes; espera um para garantir a estabilidade